



CIDADANIA COMUNICATIVA NA ERA DIGITAL: O CASO DO JORNAL “VOZ DA COMUNIDADE”

Maurício Lavarda do Nascimento¹
Rosane Rosa²

RESUMO

Busca-se refletir sobre o papel do jovem como sujeito capaz de mobilizar, articular, representar e dar visibilidade à sua comunidade por meio das mídias digitais. Para tanto, analisa-se o caso do jovem René Silva dos Santos, residente no Morro do Adeus (RJ), que na ocasião da ocupação militar do Complexo do Alemão, utilizou as mídias digitais para dar a sua versão sobre o fato ocorrido. O estudo fundamenta-se em autores como Tacca (2005), Cruz (2005), Touraine (2006) e Sandoval; Fuchs (2010). Caracteriza-se como qualitativo de nível exploratório e descritivo. Procedeu-se uma pesquisa bibliográfica e documental a fim de aprofundar a temática, como técnica para a coleta dos dados utilizou-se a entrevista em profundidade. O estudo evidencia a insurgência de sujeitos coletivos e empoderados comunicacionalmente que utilizam esse capital social para dar voz às comunidades excluídas, cumprindo com o exercício da cidadania comunicativa. Nesse sentido, pode sinalizar para uma marca contemporânea de resistência que surgem de comunidades invisíveis à mídia hegemônica, mas visíveis nas mídias digitais.

Palavras-chave: sujeito; insurgência; mídias digitais

ABSTRACT

We reflected about how a younger can mobilize, articulate, represent and give visibility to their community through digital media. We analyzed the case of young René Silva dos Santos, a resident of “Morro do Adeus (RJ)”, which during the military occupation of the “Complexo do Alemão”, used digital media to give his version of the fact. The study is based on authors like Tacca (2005), Cruz (2005), Touraine (2006) and Sandoval; Fuchs (2010). Characterized as qualitative exploratory and descriptive level. We carried out a bibliographical and documentary research to further the theme. As a technique for data collection was used in-depth interview, the study highlights the insurgency of collective subject empowered with communication skills using that capital to give voice to excluded communities, fulfilling the communicative practice of citizenship. In this sense, can signal to a contemporary impression of resistance arise communities invisible to the mainstream media, but visible in digital media.

Key-words: citizen; insurgency; digital media

INTRODUÇÃO

Cresce o número de sujeitos coletivos que reivindicam e praticam um direito social insurgente, ou seja, o exercício da cidadania comunicativa. Essa justa insurgência, emerge de sujeitos com um capital social proveniente de lutas comunitárias para a conquista dos direitos básicos. Muitos desses cidadãos são pobres economicamente, mas não politicamente, por isso,

¹ Aluno especial do POSCOM/UFSM, disciplina Mídia e Pluralismo. Especialista em Comunicação e Projetos de Mídia – Unifra. E-mail: mauriciolavarda@hotmail.com

² Orientadora. Doutora em Comunicação e Informação pelo PPGCOM da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Adjunta do departamento de Comunicação e do POSCOM da UFSM. E-mail: rosane.rosa@terra.com.br



30, 31 mai e 01 jun / 2012- Santa Maria / RS

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

não se reconhecem na representação que a mídia hegemônica faz de sua comunidade, incluindo o fenômeno da militarização das favelas e a criminalização da pobreza. Assim, buscam empoderar-se comunicacionalmente, para, politicamente, assumirem o papel e um espaço que possibilita a autorrepresentação da comunidade.

Evidentemente, o “Voz da Comunidade” não tem o mesmo potencial de visibilidade e penetrabilidade que os meios comerciais, mas tem o potencial, via jornal impresso e on-line e nas redes sociais de desencadear na própria comunidade, bem como servir de referência, motivação e inspiração as demais excluídas, uma apropriação prática do direito a livre expressão, a autorrepresentação.

Isso ocorre em grande parte porque as Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs estão presentes no dia a dia da sociedade contemporânea. Além de facilitar o acesso à informação, elas provocam novas formas de sociabilidade e possibilitam ao cidadão comum à produção de conteúdos de seu interesse. Nesse contexto tecnocultural, os sujeitos desempenham simultaneamente um duplo papel: produtor e receptor ativo.

Neste cenário que, apesar da problemática da exclusão social, registra-se, por exemplo, na periferia carioca, o acesso crescente de moradores aos recursos da Internet. Alguns possuem seu próprio computador e outros acessam nos Telecentros - Estações Futuro, da ONG Viva Rio.

Existem também iniciativas de políticas públicas para informatizar os morros cariocas. O Complexo do Alemão é uma das comunidades incluídas no programa do governo “Rio Estado Digital”. O projeto tem como principal objetivo “a democratização do conhecimento e a inclusão digital, reduzindo as desigualdades entre os que têm e os que não têm acesso à rede” (SITE RIO ESTADO DIGITAL, 2012, p.1). Ainda conforme o site, o acesso à internet pode viabilizar a alfabetização digital, que, consequentemente, facilita a aquisição de novos conhecimentos, reafirmando assim o exercício da cidadania. Entretanto, a comunidade ainda enfrenta uma diversidade de outros problemas como falta de saneamento básico e coleta de lixo. Significa a negação dos direitos básicos que garante as mínimas condições para uma vida com dignidade humana.

A internet também é um espaço no qual, indivíduos de diferentes classes sociais, residentes no centro e na periferia, podem conhecer novas realidades. Para Cruz (2005), ela possibilitou aos moradores de favelas acesso à informação em *websites* noticiosos,



sociabilidade com pessoas e locais de realidades distintas, divulgação de ações e projetos realizados na favela resultando em um espaço de debate de questões relevantes à comunidade.

À medida que o acesso democrático à rede é ampliado por meio de políticas públicas, com a implementação de praças, bairros e cidades digitais, os grupos sociais que antes não tinham voz, nem vez, nos meios de comunicação tradicionais, tem ao seu alcance meios e espaços que permitem a produção, a comparação, a troca e avaliação de conteúdos.

Nesse sentido, têm-se dois sistemas: um de inclusão e outro de exclusão. A inclusão ocorre, quando uma comunidade tem acesso e sabe utilizar e buscar os conteúdos que possibilitam novas informações e conhecer outras realidades culturais. A pesquisa de material didático e a interação com pessoas que vivem em contexto semelhante ou diferente são exemplos que ilustram essa possibilidade.

Por outro lado há ainda um sistema de exclusão de ordem econômica ou mesmo pela falta de competência comunicacional e/ou domínio tecnológico. Esse sistema de exclusão é de domínio hierarquizado. A Sociologia das Ausências traz essa discussão evidenciando o intercâmbio intenso entre a desigualdade e a exclusão, conforme Santos (2007, p.63):

[...] cada vez mais gente passa do sistema desigualdade ao sistema de exclusão; de estar dentro de uma maneira subordinada a estar fora, a sair do contrato social, da sociedade civil [...] e os jovens em milhares de guetos urbanos das grandes cidades.

A partir desse cenário de inclusão e de exclusão, objetiva-se aqui focar na reflexão sobre o papel do jovem como sujeito capaz de mobilizar e articular sua comunidade para a produção jornalística, através de dispositivos midiáticos utilizados de forma alternativa buscando dar visibilidade e autorrepresentar a realidade cotidiana.

Compreende-se sujeito como o indivíduo que não aceita as condições sociais que lhes são impostas (Touraine, 2006). Dessa resistência decorre uma afirmação de si, como ator social e sujeito pessoal. O autor (p. 102) defende que “a crise da sociedade pode nos salvar de uma catástrofe se esta levar à construção da ideia de sujeito, à busca de uma ação, que não procure nem o lucro, nem o poder, nem a glória, mas que afirme a dignidade de cada ser humano”.

Este processo de transformação do indivíduo em sujeito ocorre não externamente, mas no interior do indivíduo como explica Touraine (2006, p. 112):



O sujeito é mais forte e mais consciente de si mesmo quando se defende contra os ataques que ameaçam sua autonomia e sua capacidade de perceber-se como um sujeito integrado, ou pelo menos lutando para sê-lo, para reconhecer e ser reconhecido como tal.

Nesse âmbito o sujeito é aquele que defende sua posição de identidade e de direitos. Do ponto de vista da emissão, o sujeito é aquele que constrói a narrativa, que produz sentidos, enquanto receptor, o sujeito é capaz de selecionar, decodificar e se apropriar das mensagens que julgar pertinente para a sua experiência de vida.

No que tange aos procedimentos metodológicos, esse estudo é do tipo qualitativo (BAUER e GASKEL, 2002) de nível exploratório e descritivo (GIL, 2006). Procedeu-se uma pesquisa bibliográfica e documental (MARCONI e LAKATOS, 1999), a fim de aprofundar a temática. Como técnica para a coleta dos dados utilizou-se a entrevista em profundidade (MALHOTRA, 2001).

Retomando as questões propostas neste trabalho, salienta-se que as novas tecnologias da comunicação, em especial a *Web 2.0*, possibilitam que o indivíduo torne-se sujeito do processo comunicacional. Dessa forma, aborda-se o papel das mídias alternativas, focando-se na *Web 2.0* como uma possibilidade para articulação e autorrepresentação das comunidades.

1 VISIBILIDADE E AUTORREPRESENTAÇÃO

Destacam-se aqui aspectos referentes às mídias digitais como possibilidade de utilizá-las como uma plataforma para a participação e a comunicação alternativa. Sandoval; Fuchs (2010) concordam que a participação pode ter efeito positivo naqueles que estão envolvidos no processo de produção participativa. Apesar da importância para a comunidade, questiona-se de que forma a comunicação alternativa influencia a mídia hegemônica e o discurso dominante.

Nesse sentido, o entendimento da mídia alternativa como participativa é insuficiente, pois ela deve ser compreendida em um sentido mais ampla, como uma mídia crítica (Sandoval; Fuchs, 2010). Entende-se que quando um sujeito e/ou uma comunidade se apropria, como no caso em estudo, da mídia alternativa para dar visibilidade e autorrepresentar a própria cultura e realidade cotidiana esse uso é feito de forma crítica e não somente participativa.



Esse uso alternativo e de forma crítica, no caso da internet e das redes sociais pode significar uma saída para as limitações da mídia alternativa, sendo uma das principais o alto custo. Porém, Sandoval; Fuchs (2010) ressaltam que nem sempre o conteúdo ali produzido e distribuído ganha visibilidade no sentido de pautar o debate público.

Segundo os autores as mídias alternativas apresentam três aspectos limitadores: marginalização, geração de lucros e exclusividade. Em relação à marginalização, salienta-se que muitos resultados dos projetos de mídia alternativa resultam na fragmentação da esfera pública. (Habermas *apud* Sandoval; Fuchs, 2010).

Conforme Sandoval e Fuchs (2010) algumas definições de mídia alternativa como mídia participativa também incluem a ausência de financiamento monetário, porém, para garantir um certo padrão de qualidade é difícil fugir do sistema capitalista, em que a questão financeira funciona como “pano de fundo” também para a questão da visibilidade. Nas situações onde há ausência de recursos financeiros para viabilizar a produção das matérias, acabam utilizando técnicas, materiais e logística de baixo custo comprometendo o padrão de qualidade, a eficácia e a eficiência dos resultados pretendidos.

Já o segundo aspecto é que essas mídias podem ser uma forma de gerar lucro. No contexto da internet, por exemplo, ao fazer *uploads* de vídeos no *Youtube*³, postar fotos no *Flickr*⁴, compartilhar informações do *Twitter*⁵ ou no *Facebook*⁶, quem utiliza esses serviços torna-se mercadoria, pois os dados de navegação são utilizados pelas grandes corporações para fins comerciais, constituindo o que Sandoval; Fuchs (2010) definem como *audience commodity* ou audiência mercadoria.

Já a última limitação apresentada por Sandoval; Fuchs (2010) é a exclusividade. Utilizar a participação como um critério decisivo para definir mídia alternativa exclui diversos veículos que buscam criar conteúdos críticos e estabelecer uma luta contra-hegemônica.

Cabe reforçar que o entendimento da mídia alternativa como participativa é insuficiente, pois necessita ser compreendida em um sentido mais amplo, como uma mídia politizada, no sentido de estar a serviço do interesse de uma determinada comunidade (Sandoval e Fuchs, 2010).

³ <http://www.youtube.com.br>

⁴ <http://www.flickr.com.br>

⁵ <http://www.twitter.com.br>

⁶ <http://www.facebook.com.br>



1.1 Web 2.0: um cenário com potencial para articulação social

Pensar nas mudanças da *web*, também é refletir sobre as ferramentas que permitem o sujeito se autorrepresentar e de articular sua comunidade no ciberespaço. Portanto, apresenta-se o conceito de *Web 2.0*, com o intuito de pensar como as minorias podem utilizá-la para fins de emancipação e articulação social.

Neste estudo, utiliza-se o conceito de minoria no sentido proposto por Muniz Sodré, ou seja, “refere-se à possibilidade de terem voz ativa ou intervirem nas instâncias decisórias do Poder aqueles setores sociais ou frações de classe comprometidos com as diversas modalidades de luta assumidas pela questão social. [...]” (2005, p.12). O autor complementa falando que o que move uma minoria é o impulso de transformação, portanto, minoria significa uma voz de dissenso em busca de uma abertura contra-hegemônica.

Essa voz de dissenso é ampliada pela *Web 2.0*, que tem como principal característica a ruptura dos pólos de emissão e de recepção. Conceitualmente, “A *Web 2.0* é a segunda geração de serviços *online* e caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo.” (PRIMO, 2007, p. 1).

Já a *Web 3.0*, também conhecida como *web* semântica, ainda está em fase experimental. Dentre suas características estão a compreensão de sentidos e contextos de frases e palavras. Conforme Lafuente (2011), a *Web 3.0* será mais aberta e onipresente, com a possibilidade de compreender a linguagem natural, identificar o contexto e discorrer sobre as necessidades do interagente, para oferecer a ele uma experiência personalizada, mais produtiva e intuitiva.

Vale destacar que as minorias que antes não tinham formas de obter visibilidade na mídia hegemônica, rompem com esse paradigma no cenário da *Web 2.0*, pois muitos têm ao seu alcance meios para a gestão da comunicação da própria comunidade. Por meio de mídias alternativas como redes sociais digitais, *wikis* e *Blogs* é possível dar mais visibilidade a realidades comunitárias, como das favelas, que no geral, só ganham espaço na mídia hegemônica quando a pauta é violência.

Conforme ressalta Tacca: “Percebemos que a internet criou um campo propício para existência virtual de culturas urbanas não visíveis nos meios tradicionais de comunicação de massa e permitiu entradas ao internauta nas relações sociais de difícil acesso por via presencial” (TACCA, 2005, p.165). Esse espaço é mais favorável quando há gratuidade do



acesso a internet e também nos *websites* que permitem a participação desses grupos invisíveis no espaço público midiático.

2 UM SUJEITO COMUNITÁRIO

Esta descrição foi feita a partir do *post* intitulado “Linha do tempo: o crescimento do ‘Voz da Comunidade’ na internet” do dia 09 de novembro de 2011 no blog pessoal⁷ de Rene Silva dos Santos, assim como a partir da entrevista realizada pelos autores via *e-mail*.

Rene é morador do Morro do Adeus, que faz parte do Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, mora com sua mãe e dois irmãos: Renato e Raquel. Teve sua primeira experiência de produção de notícias aos 11 anos de idade, quando participava do grêmio estudantil de sua escola, jornal que visava o público escolar. A partir dessa experiência, em 2005, ele criou o Jornal “Voz da Comunidade” voltado aos moradores do Complexo do Alemão. Silva (2012, p.1) explica o surgimento e desenvolvimento dessa ação comunicacional:

[...] resolvi pedir a diretora um apoio pra fazer um igual a este e dar voz à comunidade, já que aquele dava voz aos alunos da escola. Comecei com 50 cópias e o projeto foi crescendo e cada vez mais dando voz as comunidades. Atualmente são 5 mil exemplares distribuídos em diversos lugares do alemão.

A citação acima evidencia a persistência de um sujeito que tomou para si a responsabilidade de protagonizar o dia-a-dia de sua comunidade, sendo que enfrenta cotidianamente diferentes tipos de exclusão. Muitos problemas começavam a ser solucionados a partir da divulgação no jornal, foi neste momento que ele constatou que o jornal se constituía num importante instrumento para emancipação de sua comunidade.

Depois disso, viu no meio on-line uma forma alternativa de divulgar as notícias da comunidade. Conforme postado em seu *blog* pessoal, Rene criou, em maio de 2009, o perfil @vozdaocomunidade no *Twitter* com o objetivo de interagir com as pessoas da comunidade e identificar problemas sociais. Com isso, ele poderia entrar em contato com as autoridades responsáveis para resolvê-lo, porém, não obteve sucesso, pois as pessoas da comunidade não acompanhavam o perfil no *Twitter*.

Esse fato fez com que Rene abandonasse a iniciativa provisoriamente. Pode-se inferir que esta ausência do acompanhamento dessa comunidade no *Twitter* deve-se a dificuldade de

⁷ Disponível em: <<http://renesilvasantos.blogspot.com/>> Acesso em 12 de dezembro de 2011.



acessibilidade aos recursos tecnológicos, pois o contrário aconteceu com o jornal impresso, que registrou um crescimento gradativo da tiragem.

Além da cobertura do cotidiano da comunidade, Rene também utiliza de seu potencial comunicativo para organizar campanhas solidárias em datas especiais como Páscoa, dia das crianças, dia das mães e Natal. Ele também angaria recursos para aquisição de cestas básicas, vestuário e brinquedos destinados aos públicos dos respectivos eventos.

2.1 O “correspondente da guerra no alemão”

No final de novembro de 2010, Rene Silva dos Santos, 18 anos (com 16 na época), ganhou destaque na mídia nacional e mundial, conforme pode ser observado nos títulos de notícias a seguir: “Pelo twitter, jovem passa a ser correspondente da guerra no Alemão” (G1), Rio favela tweets create overnight celebrit⁸ (BBC), “Adolescentes do Complexo do Alemão fazem sucesso ao publicar, em tempo real, informações sobre a invasão da polícia e o cotidiano da favela” (Revista Istoé), “Rene Silva, jovem morador do Morro do Adeus, twittou em tempo real a invasão da polícia ao Complexo do Alemão” (Jornal O Globo).

Através de seu perfil⁹ na rede social digital *Twitter*, produziu a sua versão sobre a ocupação do Complexo do Alemão para informar amigos do que ocorria na comunidade. Foi neste momento que a autora de novela da TV Globo, Glória Perez, e o jornalista Jorge Pontual começaram a ajudar a divulgar. De acordo com Silva (2011), seu perfil passou de 700 a 7.000 seguidores em questão de minutos (atualmente são quase 35.000). Ele confessa que se surpreendeu com a repercussão, “fiquei muito assustado na hora e até com medo de falar alguma coisa”, relata Silva (2011, p.1)

Após diversos pedidos de amigos, começou a utilizar o perfil do jornal no *Twitter*. Em pouco tempo também viu os seguidores desse perfil se multiplicarem. Diante desse fenômeno, a mídia hegemônica começou a utilizar sua cobertura pelo *Twitter* como fonte para as notícias. Conforme explica Silva (2011, p.1) em seu *blog* pessoal:

[...] o tiroteio começou a rolar, e eu falava toda a verdade do que estava rolando né. Daqui a pouco eu ligo a TV e vejo na *Globonews* falando do *Twitter* @vozdacomunidade e me assuste: ‘Gente, como assim? Acabei de falar aqui no

⁸ Tweets de Favela no Rio criam celebridade do dia para noite. (tradução livros dos autores)

⁹O Twitter oficial do Rene Silva dos Santos é o @Rene_Silva_RJ – Disponível em https://twitter.com/#!/Rene_Silva_RJ



Twitter e já está na tv? Muito rápido essa parada' - fiquei preocupado por conta da segurança mas correu tudo bem.

Observa-se que no início Rene desconhecia o relevante papel que ele exercia como mediador da realidade comunitária naquele momento, bem como do potencial das redes sociais digitais. Porém, mesmo temendo a reação dos traficantes que estavam sendo expulsos da comunidade pela ocupação policial, o cidadão Rene continuou a dar voz à comunidade por meio de sua cobertura em tempo real.

Dessa forma, Rene passou a protagonizar e autorrepresentar milhares de pessoas de sua comunidade. A representação do fato foi, em parte, concebida a partir da perspectiva de um sujeito que estava inserido na comunidade, e não somente por meio de uma narrativa externa e hegemônica. Tacca (2005) destaca que na atualidade os grupos sociais têm a possibilidade de se autorrepresentar a partir de experiências coletivas que incentivam a produção de um olhar sobre eles mesmos.

Observa-se que a mídia hegemônica teve que reconhecer a repercussão da cobertura comunitária na *web*, como afirmam Lopes e Alves (2011, p.117), “alguns órgãos de imprensa parecem ter se rendido a esses atores, dando espaço para novas vozes e outros olhares que, muitas vezes, não chegavam ao debate público por meio dos veículos tradicionais”.

Na entrevista realizada por *e-mail*, novamente Silva (2012, p.1) destaca a repercussão imediata da sua cobertura na mídia hegemônica:

Toda a mídia brasileira e algumas estrangeiras publicaram sobre o nosso trabalho durante o processo de ocupação do Complexo, dizendo que foi importante esta ação porque todos ficavam sabendo na mesma hora quando estava tendo tiro, e quando o tiro parava.

Com isso, Rene passou a ser o sujeito do processo comunicacional visando a representação da sua comunidade. Para Cruz (2005), a possibilidade do morador da favela ser o sujeito nos processos comunicacionais é uma das principais transformações trazidas pela *web*. Fato que pode ser identificado nas falas de Silva (2012, p.1):

Estávamos no *Twitter* comunicando sobre o que estava acontecendo, e chamamos a atenção de milhares de pessoas que estavam online naquela rede social e começaram a divulgar cada vez mais. Nossos seguidores foram crescendo e as pessoas cada vez mais queriam acompanhar o que acontecia aqui no Complexo do Alemão. E aí, a gente vê aquele ponto das redes sociais pautando a grande mídia, hein!?



Portanto, trata-se de um sujeito empoderado comunicacionalmente que utiliza o potencial das mídias alternativas, em especial no ciberespaço, para multiplicar uma representação contra-hegemônica da comunidade onde está inserido. Essa expansão deve-se ao fato do sujeito Rene ter encontrado outros sujeitos na rede que se identificaram com a referida proposta comunicacional e passaram a replicar a outros sujeitos. Nesse processo crescente e em rede, a versão de Rene conseguiu pautar a própria mídia convencional que também tem uma capacidade indiscutível de penetrabilidade e visibilidade no tecido social.

Cruz (2005) ainda reforça essa potencial de multiplicação e criação de redes cooperativas no ambiente virtual, que serve tanto como “janela para o mundo”, no sentido de possibilitar acesso a outras realidades, quanto uma “porta de entrada” para conhecimento externo sobre a realidade da favela. O autor complementa afirmando que a internet possibilita que os moradores possam publicizar a sua visão pela rede, a fim de contrapor estereótipos criados por aqueles que não vivem ou desconhecem essas áreas.

Rene também ressalta o sensacionalismo da mídia hegemônica e a importância da autorrepresentação feita por ele sobre a ocupação do Complexo do Alemão: “Houve muito sensacionalismo, mas conseguimos mudar um pouco essa realidade e mostramos a nossa voz”. (SILVA, 2012, p.1): Ele salienta ainda que: “o objetivo é e sempre será dar Voz à comunidade. E com isso conseguimos mostrar o que a comunidade sentia naqueles momentos de tensão” (SILVA, 2012, p.1).

Nesse cenário, contata-se que o ciberespaço pode possibilitar que as discussões dos moradores de favelas cheguem ao espaço público, ou mesmo que não ocorram distorções por indivíduos e interesses alheios a sua realidade sobre os fatos que lá ocorrem.

O ciberespaço é um ambiente estratégico para se ampliar a visibilidade pretendida. O debate transpassa os limites do ciberespaço dialogando com outras mídias ou é reproduzido em outros espaços da esfera pública (CRUZ, 2005).

No caso em estudo, a cobertura de um cidadão da favela pautou outras mídias e ampliou a autorrepresentação da comunidade na esfera pública. A fala de Silva (2012, p.1) evidencia a sua preocupação de, por um lado, dar voz a comunidade e por outro pautar essa mesma voz na mídia hegemônica:

A diferença é que sempre ouvimos primeiro a comunidade, ouvimos nosso povo pra saber o que realmente esta fazendo, mas também procuramos saber uma resposta de algum órgão, mas a voz da comunidade sempre prevalece. Porque a voz da



comunidade tem q ser ouvida. [...] quando o assunto é bastante relevante damos mais ênfase ao assunto, divulgando mais nas redes sociais até chegar a grande mídia e eles noticiarem.

Essa declaração remete ao conceito de ciberespaço de Tacca (2005), para a qual não se trata apenas de um ambiente utilizado para a comunicação interpessoal de um para um, ou de um para muitos, mas é também um espaço de veiculação de valores, fomentado por grupos sociais ativos.

Por outro lado, somente as mídias sociais, o ciberespaço não resolvem todos os problemas destas comunidades que enfrentam diversos tipos de exclusão como explica Cruz (2005, p. 12): “seria ingênuo acreditar que a mediação pelo ciberespaço seja a solução do problema de exclusão vivido pelos moradores de favelas, mas sem dúvida trata-se de uma nova estratégia, ao lado de tantas outras, empregadas na tentativa de superação.” Parte-se para as últimas considerações.

CONCLUSÃO

Este estudo evidenciou que o jovem Rene, morador do Complexo do Alemão, enfrentou o desafio de usar essa estratégia para fazer surgir a voz da comunidade por meio dos recursos disponíveis, principalmente das mídias digitais. Assim, o seu olhar e representação contra hegemônica transcendeu a territorialidade do espaço da favela conquistando destaque nacional e mundial. Soube se apropriar do potencial das mídias digitais para pautar a “Voz da Comunidade” nas agendas individuais, na mídia tradicional e junto ao poder público. Dessa forma, reafirmou uma identidade de sujeito crítico, político e emancipado, que busca o mesmo para sua comunidade.

Esse empoderamento comunicacional que resulta em capital social, voltado à emancipação das comunidades excluídas, pode sinalizar para uma marca contemporânea de resistência de sujeitos críticos e politizados que surgem de comunidades invisíveis à mídia hegemônica e comercial.

Espera-se que este estudo possa contribuir com novas perspectivas e desafios da comunicação comunitária através do uso das mídias digitais e assim, outras comunidades silenciadas consigam surgir de um lugar de não poder para exercer a cidadania comunicativa.



REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2002.

CRUZ, M. M. **A interação da favela e a cidade formal:** processos de sociabilidade mediados pelo ciberespaço. In: Encontro Latino de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, 2005, Salvador. V ENLEPICC. Salvador: União Latina de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5^a Ed. 7^a reimpressão – São Paulo: Atlas, 2006.

LAFUENTE, Florencia. **Dôssie Web 3.0:** A era do raciocínio artificial. Revista *HSM Management*, p. 79-108, maio/junho, 2011.

LOPES, Flavia V. ; ALVES, Wedencley. **Discurso e redes sociais:** O caso Voz da Comunidade . Ciberlegenda (UFF. Online), v. 1, p. 111-123, 2011.

MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de marketing:** uma orientação aplicada. 3. .ed, 2001.

MARCONI, M. D. A. & LAKATOS, E. M. - **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. Atlas Editor, 4^a Edição, São Paulo, 1999. Porto Alegre: Bookman, 2001.

PRIMO, Alex. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0.** Brasília: e- Compós, v. 9, p. 1-21, 2007.

ROSA, Rosane. **"Tribos da Miséria":** Estratégias narrativas do jornal Zero Hora na construção de identidades. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2009.

SANDOVAL, Marisol e FUCHS, Christian. **Towards a Critical Theory of Alternative Media.** In: *Telematics and Informatics*. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0736585309000410>. Acesso em 06 de dezembro de 2011.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

SILVA, Rene. **Jornal Voz da Comunidade.** Entrevista concedida a Maurício Lavarda em 15 de março de 2012.

SILVA, Rene. **LINHA DO TEMPO: O crescimento do Voz da Comunidade na internet.** Blog pessoal. Disponível em: <http://renesilvasantos.blogspot.com/> Acesso em 12 de dezembro de 2011.

SITE RIO ESTADO DIGITAL. **Apresentação.** Disponível em: <http://www.rioestadodigital.rj.gov.br/>. Acessado em: 10/12/2011.

SODRÉ, Muniz. **Por um conceito de minoria.** In: PAIVA, Raquel. Comunicação e cultura das minorias. São Paulo: Paulus, 2005, p. 11-14.

TACCA, Fernando Cury. **Antropologia e imagens em rede: a periferia na Internet.** In: Colóquio “direito Autoral, de imagem, Som e Produção de conhecimento”, laboratório de imagem e Som em Antropologia, USP, 2005, 167p.

TOURAINE, Alain. **Um novo Paradigma para compreender o mundo hoje.** 3 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.